

Desdobrando a Teoria Ator-Rede: *Reagregando o Social* no trabalho de Bruno Latour

Deploying the Actor-Network Theory: *Reagregando o Social* in the work of Bruno Latour
El despliegue en la Teoria Actor-Red: *Reagregando o Social* en el trabajo de Bruno Latour

Zuleika Köhler Gonzales

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Carlos Baum

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Resumo

Apresentamos o último lançamento da obra latouriana em língua portuguesa, o livro *Reagregando o Social* – uma introdução à teoria Ator-Rede. Procuramos situar este trabalho na obra latouriana no campo dos Estudos Científicos, uma área de pesquisas e produção de conhecimento que toma o próprio pensar e fazer científico como objeto de estudos, sobretudo, a partir dos postulados da ciência moderna. Para tanto, pontuamos o que Latour considerou como os três principais elementos críticos na produção do conhecimento a partir da modernidade: o construcionismo, a naturalização e a socialização e, articulamos cada um destes elementos às edições bibliográficas do autor. Depois, focalizamos a problematização do autor sobre a socialização no livro *Reagregando o Social* e, em como ele retracou a rede das associações em um elenco de tarefas e advertências dirigidas àqueles que, por ventura, queiram enveredar-se no caminho das proposições e procedimentos da ANT (teoria Ator-Rede).

Palavras chave: Teoria ator-rede; Bruno Latour; *Reagregando o social*; Sociologia das associações.

Abstract:

In this text we present the latest release of Latourian work in Portuguese, the book “*Reagregando the Social* – uma introdução à teoria ator-rede”. We seek at first, to situate this book in the body of work which relates with the so-called field of Scientific Studies, an area of research and knowledge production that takes the very scientific thinking and doing as an object of study, particularly those departing at postulates of modern science. Therefore, we point in the Scientific Studies what Latour

considered the top three critical elements in the production of knowledge from modernity: constructionism, naturalization and socialization. Then we articulate each of these elements to the author's books. In the second step of the text, we focus on the questioning of the author on the socialization in the text of the book *Reagregando Social*, and how he retraced the network of associations in a list of tasks and warnings addressed to those who, by any chance, want to embark on the path of propositions and procedures of the ANT (Actor-Network theory).

Keywords: ANT (Actor-Network Theory); Bruno Latour; *Reassembling the social*; Sociology of associations.

Resumen

En este texto presentamos la última versión de la obra latouriana en portugués, el libro “*Reagregando o Social - uma introdução à teoria ator-rede*”. Nos fijamos en primer lugar, por situar este trabajo en el cuerpo del llamado campo de los estudios científicos, un área de investigación y producción de conocimiento que concibe como objeto de estudio el propio pensamiento científico, sobre todo a partir de los postulados de la ciencia moderna. Para esto, señalamos en este conjunto, los tres elementos críticos en la producción de conocimiento de la modernidad considerados por Latour: el construccionismo, naturalización y socialización, articulando cada uno de estos elementos a las obras bibliográficas del autor. La segunda etapa del texto, se centró en la temática de la socialización en el libro *Reagregando o Social*, y como Latour volvió sobre la red de asociaciones en una lista de tareas y advertencias dirigidas a los que, tal vez, quieran emprender el camino de las proposiciones y procedimientos de la ANT (Actor-Network Theory).

Palabras clave: Teoria ator-red; Bruno Latour; *Reagregando el social*; Sociologia de las asociaciones.

Chega às nossas mãos a edição em língua portuguesa de *Reassembling the social – an introduction to Actor-Network-Theory* escrito por Bruno Latour. Com isto, queremos neste texto, abordar a problemática da socialização, ou do que se refere ao social como temática e objeto da sociologia, no conjunto da obra latouriana a partir do que nos é apresentado nas linhas do *Reagregando*

o Social. Para isto, procuramos situar esta questão do social – na socialização – articulando-a com os outros dois elementos críticos que Latour visualiza na produção do conhecimento moderno: o construccionismo e a naturalização. Começamos então, a tarefa de desdobrar o *Reagregando o Social*.

O livro foi lançado inicialmente em 2005 no Reino Unido como fruto das

conferências dadas no ciclo de estudos Clarendon Lectures sobre administração e negócios organizado pela Oxford University Press e pela Saïd Business School. Esta obra é uma compilação das aulas e considerações feitas no texto já apresentado ao público nas conferências das Clarendon Lectures.

Latour (2012) entende que perante os sociólogos ou estudiosos de matérias relacionadas ao 'social', ele se posiciona de forma polêmica quanto à tarefa empreendida nesse livro, ou seja, à tarefa que denominou de “desdobrar o social”. Estar no centro de polêmicas, questionamentos e críticas não é, porém, uma novidade em seu percurso acadêmico. Pelo contrário, recolocando o lugar da natureza e das coisas, bem como dos humanos e seus artefatos, desfazendo a divisão moderna entre natureza e cultura ou ainda entre sujeito e objeto, o autor reafirma o lugar das controvérsias no *modus operandi* de todas as entidades que em algum momento se associam delimitando formas vivas e prontas a se conectarem em novas associações compostas heterogeneamente. Esta polêmica, no entanto, e a sua perspectiva de unir objetividade aos agentes da rede que vem a ser chamada de 'social', lhe dá de certa forma, condições para, a partir desse livro, orgulhar-se de ser reconhecido como um sociólogo.

Para visualizarmos essa investigação do social na obra acadêmico-literária empreendida por Latour, cabe considerar todo o trabalho já desenvolvido por ele e seus colegas no assim chamado campo dos

Estudos Científicos, uma área de pesquisas e produção de conhecimento que toma o próprio pensar e fazer científico como objeto de seus estudos, sobretudo, a partir dos postulados da ciência moderna. É assim, com o objetivo de apresentar este lançamento visualizando o seu lugar no conjunto dos trabalhos elaborados por Latour que procuramos inicialmente retomar o itinerário latouriano pelos elementos que ele considerou como constituintes do acordo moderno nas práticas científicas, como suas três principais críticas – o construcionismo, a naturalização e a socialização. Depois, num segundo momento, após articular esse livro voltado para o social à produção acadêmica do autor, apresentamos a elaboração dessa sociologia alternativa, na ANT, que tão detalhadamente ele compilou neste trabalho.

Nessa obra, Latour (2012) faz uma apresentação sistemática da última parte do que ele chamou de “uma arquitetura intelectual da forma de pensar e fazer ciência”. Todo este arcabouço científico já vem sendo descrito no conjunto de sua obra acadêmica, e encontra sua figuração no hoje seminal *Jamais Fomos Modernos* (Latour, 1994).

Tudo começa com a descrição do acordo moderno abordado por Latour nesse ensaio chamado pelo autor de um ensaio de antropologia simétrica e intitulado *Jamais Fomos Modernos*. Ao pensar o fazer da ciência, Latour não quer negar a modernidade enquanto período histórico, ou enquanto

produção de conhecimento. O que o autor nega é a adesão ao acordo moderno do fazer científico, um acordo que separa e define o que é objetivo na Natureza e o que é subjetivo no mundo social, cristalizando e privilegiando determinadas realidades no que ele chamou de Constituição. Para esse acordo moderno, quatro garantias são constituídas: 1) A Natureza é tomada como transcendente (embora mobilizável); 2) A Sociedade é tida como imanente (mas possuindo a condição de nos ultrapassar infinitamente); 3) Natureza e Sociedade são totalmente distintas; e, 4) Deus está ausente, embora assegure a arbitragem entre os dois ramos de governo (natureza e sociedade).

Latour, em seu percurso acadêmico-literário, ao abrir mão da distinção entre Natureza e Sociedade, se contrapõe frontalmente a esta divisão em polos separados e opostos – de um lado composto por uma natureza transcendente com sua objetividade absoluta e de outro uma sociedade imanente e subjetiva –, bem como dispensa qualquer pureza e dissimetria entre o discurso sobre as coisas – chamado de ciência e técnica – e o discurso sobre os homens, a política. Ou seja, o que o autor vem afirmar é que natureza e sociedade não estão separadas por uma diferença radical ou ontológica. O que ele enfatiza em toda a sua obra acadêmica desde seus primeiros relatos, é que essa distinção e fabricação da natureza de um lado e da sociedade de outro é um longo e árduo trabalho de distribuição dos

objetos através da ciência e da política. O que importa para o autor nos estudos que empreendeu sobre o fazer da ciência não são as coisas-em-si de um lado e a sociedade livre dos homens-entre-si mas, ainda assim, composta de sujeitos falantes e pensantes de outro; tudo que importa para o autor, é que todo o trabalho da ciência acontece pelo meio, é um trabalho que transita entre ambos, natureza e sociedade. Essa condição, no entanto, não pressupõe a negação da existência, de fato, de uma natureza que não criamos, nem de uma sociedade que podemos transformar. O que os estudos científicos latourianos preconizam é que essa natureza dada e essa sociedade a ser transformada são efeitos de um conjunto de práticas de mediação ao invés de serem causas longínquas e opostas entre si. O trabalho que se propõe nos estudos científicos é, justamente, acompanhar o processo pelo qual um objeto passa a pertencer ao reino da natureza ou à sociedade dos homens. É neste sentido que para Latour (1994, p. 138) “Os modernos não estavam enganados ao quererem não-humanos objetivos e sociedades livres. Apenas estava errada sua certeza de que essa produção exigia a distinção absoluta e a repressão contínua do trabalho de mediação”.

Com isto, não se trata mais de separar o conhecimento exato sobre a natureza do exercício do poder entre os homens, mas de seguir a rede que liga constantemente homens e coisas que permite a construção de nosso

coletivo. Essa rede, porém, não é constituída “apenas” de discursos, imagens representadas e/ou linguagem. Ela só pode ser desdobrada através dos objetos que ainda não encontraram seu lugar estabilizando-se, ou que simplesmente não possuem lugar nessa divisão tradicional, os híbridos. Essa tarefa parece, num primeiro momento de difícil compreensão pois “nossa vida intelectual é decididamente mal construída” (Latour, 1994, p 11). Toda vez que tentamos conectar os discursos à natureza das coisas e ao contexto social, ninguém mais compreende o que dizemos. As redes que o autor nos ensina a seguir são ao mesmo tempo reais como a natureza, narradas como o discurso e coletivas como a sociedade. No entanto, pelo pensamento científico tradicional somos levados a pensar que a realidade do discurso é de outra realidade que aquela da natureza ou da sociedade, e que os coletivos na natureza são de outra ordem que aqueles da sociedade, ou ainda que as narrativas sobre a natureza se configuram de um determinado modo bem diferente das narrativas sociais para que assim, finalmente, eles sejam validados cada um em seu formato específico.

Nos quatorze anos que separam *We have never been modern* (1991) de *Reassembling the social* (2005), Latour dedica-se a conectar e desdobrar o que ele chamou de os três repertórios críticos do nosso mundo: a desconstrução, a naturalização e a socialização; os discursos, os fatos e o poder. O primeiro passo é

publicar *Pandora's Hope – essays on the reality of science studies* em 1999, edição que no Brasil chamou-se *A esperança de Pandora* lançada em 2001, direcionando toda sua ironia para a desconstrução linguística. A pergunta que dispara os questionamentos no livro é simples: Você acredita na realidade? Curiosamente feita a ele por um brasileiro, em Niterói, RJ. Os esforços de Latour nesse livro é mostrar que a construção e a fabricação dos fatos na ciência, não se opõem à objetividade da natureza. Com isto, procura mostrar que os estudos científicos não pretendem reduzir a realidade a um efeito de verdade do discurso. Nesse livro, Latour nos mostra que diretamente vinculados, os fatos científicos são tão mais objetivos quanto mais e melhor forem construídos. Quanto mais artificial e melhor organizado for um laboratório, mais “fidedigno” será o relato do cientista sobre aquilo que o não-humano lhe diz.

Nossos argumentos e nossas ações são, por sua vez, facilitados, permitidos e produzidos por esses seres híbridos que não são nem fatos e nem coisas presentes no mundo de forma independente da ação humana. Muito menos, são a projeção de desejos e crenças dos cientistas. Esses híbridos são “fatiches”, um neologismo que mistura as palavras fato e fetiche. Ou seja, esses híbridos são humanos e não-humanos inteiramente conectados e em contínua mobilidade e ação performando múltiplas realidades. Não se trata, para Latour, de decidir entre verdade, realidade ou

construção; tampouco, trata-se de aceitar cinicamente a falsidade de todas as representações humanas. Os híbridos são reais e autônomos, justamente por serem bem construídos, bem feitos. Quanto mais estiverem conectados com outros elementos do nosso coletivo, mais inseridos no dia a dia desse coletivo, mais independentes eles serão.

O que está em questão é reconhecer que a construção social e realidade autônoma são a mesma coisa. É fácil entender esta conformidade quando o autor, na sua ironia, diz que ninguém duvida que os prédios sejam construções, nem duvidam que eles sejam reais e existentes, e isso justamente porque em algum momento foram construídos. Do mesmo modo, as situações de laboratório são construções que dão voz aos não-humanos justamente através dos discursos humanos. Não se trata, mais uma vez, de reduzir tudo a um construcionismo social ou de afirmar que realidade e construção são a mesma coisa, pois aí, tudo seria crença e ilusão.

A questão neste caso é reconhecer uma nova teoria da ação. O cientista age, constrói uma situação, para que o não-humano aja. Latour (2001) vai dizer que “o pensamento é apreendido, modificado, alterado, possuído por entidades não-humanas que, por seu turno, dada essa oportunidade pelo trabalho dos cientistas, alteram suas trajetórias, seus destinos, suas histórias” (p. 323). Tanto somos surpreendidos pelos experimentos, quanto somos um acontecimento na história do objeto não-humano.

O segundo capítulo de nossa história – na segunda crítica ao acordo moderno – se consolida em *Politics of Nature – How to bring the sciences into democracy* (2004), editado no Brasil como *Políticas da Natureza* (Latour, 2004). Aqui o autor procura reatar os laços entre a compreensão dos fenômenos naturais – praticada pelas ciências – e a regulação da vida social – costumeiramente a cargo da política. O autor abre o livro apontando um polêmico caminho: abandonar a ecologia política. Isso porque essa ecologia instituída e formalizada, não consegue introduzir a natureza na política sem aderir à Constituição moderna. E para retomar a ecologia, o que ele propõe é, portanto, abandonar esse acordo e redefinir as noções de ciência, natureza e política.

O objetivo central do autor nesse texto é desmontar o segundo elemento do repertório crítico, a naturalização. Ou seja, natureza não se refere a uma dimensão específica da realidade constituída por tudo aquilo que é objetivo e indiscutível em oposição ao que é subjetivo e discutível, da ordem do humano. Se já reconhecemos que a ação é uma propriedade de humanos e não-humanos, é preciso reconhecer também que ambos produzem um único coletivo em que são reconhecidos como cidadãos, uma vez que seus recursos já tenham sido distribuídos. A questão aqui não é estabelecer um espaço onde a natureza selvagem encontra a natureza do homem, mas sim redefinir as funções das ciências e da política.

Fazer ciência não significa, então, desvelar um mundo de coisas independentes do homem, mas relatar e reorganizar as articulações em um coletivo, redefinindo funções e recolocando as possibilidades de ação de humanos e não-humanos. Os laboratórios não são locais hermeticamente fechados onde a Natureza se desvela aos olhos da ciência, mas centros de cálculo que recebem informações providas de uma rede de transformações que desloca a informação através de séries de deslocamentos (reduções e ampliações). E assim esse centro pode agregar os dados observações, desenhos, etc enviados da periferia da rede e através de conversões, transformações e escritas podem torna-los compatíveis e com isso redistribuindo as propriedades dos fenômenos submetidos à prova. A verdade desses fenômenos, contudo, não se encontra nem “lá fora”, nas extremidades das redes de representação, nem “dentro”, como uma ficção regulada apenas pelo universo da linguagem. Mas sim na própria circulação da informação, numa certa maneira de se deslocar que facilita a manutenção das relações apesar do transporte e da diversidade de observadores e assim possibilita verificá-los e validá-los. Conhecimento, exatidão e precisão, só adquirem sentido nessa rede de circulação através de instrumentos como a estatística e a geometria que permitem a mobilidade e uma certa constância através das transformações. Na ausência de um laboratório experimental outros dispositivos tem a

capacidade de desempenhar igual função como as coleções, as bibliotecas e o mesmo artigos científicos, que ao comparar diferentes relatos e declarações são capazes compará-los e redistribuir suas relações. Entre os diversos exemplos fornecidos pelo autor um deles destaca-se pela clareza e por romper com a dicotomia política-ciência. É uma *War Room* de Wiston Churchill durante a segunda guerra, construída dentro de um bunker para abrigar-se das bombas.

Neste lugar abrigado, só se veem nas paredes inscrições, compilações estatísticas e demográficas sobre o número de comboios afundados, de soldados mortos, de fornecimentos militares em produção. Entretanto, este lugar não está isolado da grande batalha planetária. Ao contrário, ele a resume, a mede serve-lhe, literalmente, de modelo reduzido. Com efeito, como saber se o Eixo ganha ou não dos Aliados? Ninguém pode sabê-lo com segurança sem contruir um “dinamômetro” que meça a relação das forças por meio de uma série de instrumentos estatísticos e de contagens. (...) esta sala baixa e protegida das bombas se aplica através de mil intermediários – dossiês, fichas, listas relatórios, avaliações fotografias, contagens, estoques -, a colher informações sobre a batalha que se desencadeia lá fora, mas cujo sentido global ficaria perdido sem esse panóptico, sem essa compilação notorial (Latour, 2010, p. 63)

A função da política, por sua vez, não se constitui como oposição a ciência, tão pouco se refere apenas as relações dos

“homens-tre-si”, mas se refere a contínua composição de um bom mundo comum, conceito que Latour (2004) lança mão como alternativa a ideia de bem comum para referir-se a um coletivo composto por homens e coisas e do qual a política deve ocupar-se. Um exemplo contemporâneo seria o uso dos transgênicos; sua regulamentação não dispeito apenas à pessoa – se podem ou não, devem ou não produzir e consumir – mas também ao lugar que os vegetais alterados podem ocupar em nosso coletivo e que relações eles podem estabelecer. Se aceitamos esses princípios, o coletivo não é composto de uma natureza única com múltiplas culturas, tão pouco é um princípio a partir do qual podemos trabalhar, mas é sim o resultado de um contínuo processo de articulação.

Ao colocar a importância desse coletivo no pensamento da Teoria Ator-Rede, chegamos então ao nosso terceiro elemento do repertório crítico que Latour (2012) se propõe a recolocar e retrair em seus estudos científicos, a socialização. E com isto, nos encontramos com o lançamento desta edição do *Reassembling the social*.

É justamente com a intenção de abrir e retomar as expressões Social e Explicações Sociais como objetos de incertezas, que o autor nos apresenta uma concepção de *socius* – em associações – que estarão sempre em movimento e estabelecendo conexões, ao contrário das grandes narrativas e das unidades conceituais que consistiram na formação das disciplinas modernas em torno

do social nessa obra, Reagregando o Social – uma introdução à teoria do Ator-Rede. Essas noções tão bem elaboradas e cultivadas pelo campo das Ciências Sociais são recolocadas aqui numa perspectiva de movimento, ação, conexões que estão sempre se fazendo e articulando pessoas, coisas e natureza em associações provisórias.

Em vários questionamentos sobre o que designa 'social', 'dimensão social', 'fatores sociais', 'contexto social', Latour (2012) espera sair do que se tornou senso comum na compreensão do que é o social, como este lugar que engloba a tudo e a tudo se refere como um resto indefinido nos objetos de estudo das outras disciplinas. Tradicionalmente, os agregados sociais viriam para explicar o que na economia, linguística, psicologia, medicina, direito não se encontra uma resposta; seriam como aspectos residuais de cada domínio científico fixando a tudo que se torna enigmático. Por outra via, a sociologia das associações proposta por Latour (2012) seria justamente considerar estes entes sociais como associações específicas que se dão tanto pelas práticas econômicas, como pelo campo da linguística, pelo saber da psicologia, pelo domínio do direito, e assim por diante.

É assim que, desdobrando essas conexões estabelecidas por estreitos canais pelos mais variados campos da ciência designando, a cada momento, o que pode ser o 'social', que Latour adota duas abordagens para discutir e se posicionar: primeiro, ele se

refere ao que ele chama de 'sociologia do social'. Esta abordagem seria a tradicional 'ciência do social', derivada das propostas de Durkheim, que postula um domínio especial, um objeto particular, um campo comumente referido apenas a humanos e às sociedades modernas. Depois, para se contrapor a esta 'sociologia do social', Latour (2012) propõe uma forma alternativa e, ao mesmo tempo, bastante antiga e mais ampla que é pensar o estatuto do 'social' como a busca de novas associações. Seria como que retomar o significado etimológico da palavra. O *socius* que se associa em vários e ilimitados agregados. Esta outra abordagem consideraria o 'social' apenas como “um movimento peculiar de reassociação e reagregação”, redefinindo a sociologia não como uma 'ciência do social' mas como um traçado de associações, ou “um tipo de conexão entre coisas que não são em si mesmas sociais” (p. 23).

É sistematizando como abordar este 'social' que o livro se constrói. É um convite para se equipar nessa viagem investigativa dos rastros que os movimentos em associações vão deixando em marcas conceituais, unidades ontológicas, crenças e artefatos culturais, artísticos, científicos, etc.. que também estão em contínua dispersão para novas associações e, por conseguinte, outras 'estabilizações'. Este social (associado) nunca se deixa apreender. Ele não é visível nem substantivado, e justamente por isso, se compõe de elementos que não podem ser

chamados de elementos sociais. Pode sim, agregar elementos políticos, econômicos, físicos, biológicos, químicos, tecnológicos, linguísticos, etc... mas, nunca, elementos sociais compondo o 'social'. O 'social' não se explica pelo 'social', o que seria uma redundância estéril.

Neste livro, além de nos depararmos com um exame cuidadoso, instigante e ao mesmo tempo bem-humorado de como a sociologia foi se constituindo em um quadro de referência estável para explicar fenômenos, situações e enigmas dos agrupamentos e coletividades denominados correntemente de 'social' ou sociedades, encontramos também um arsenal de equipamentos ou instrumentos listados pelo autor que didaticamente vão nos orientando na aventura de rastrear essas conexões sociais mutáveis e heterogêneas. Uma disposição sempre presente nos movimentos associativos é o *modus* em controvérsias.. A que remete as controvérsias em associações? A elementos multivariados que em movimentos sincopados ou irregulares se dispersam ou se estabilizam e que nunca pertencem a um único domínio ou unidade a priori. Daí a presença de controvérsias que em algum momento se estabilizam em domínios, categorias, identidades ou quadros de referências explicativos.

Para seguir estes movimentos, Latour (2012) sustenta que é preciso seguir os atores em seu curso de associações, e não explicar o social como um conjunto de conceitos interligados. Para isto, no livro ele vai traçar

um percurso investigativo com alguns sinalizadores indicando como seguir as conexões feitas pelos agentes em ação. E, como primeiro plano neste percurso investigativo se coloca a incumbência de “retomar a tarefa de descobrir associações”.

Nesta primeira tarefa, Latour (2012) pretende modificar o que se entende por social. Ao colocar em questão, a forma como se estabilizou a ciência do social, ou seja, essa sociologia que estabeleceu um social “diluído por toda parte e por nenhuma em particular” (p. 19), ele propõe uma conotação alternativa para esse social, retomando os princípios mais antigos de um social que é composto por agregados em contínuas associações, tornando-o novamente vivo e capaz de traçar conexões. Esta abordagem alternativa se contrapõe a esta “esfera específica da realidade” que se instituiu como o social que a tudo explica – como a incógnita 'x' das várias disciplinas – e a tudo abarca – como um mundo social hospedeiro de agentes que vivem em seu interior. Nessa tarefa de retomar o significado de um social que se associa, não existe nenhuma “esfera distinta da realidade a que se possa atribuir o rótulo 'social' ou 'sociedade'. Aqui, sociedade não é um contexto no qual tudo se enquadra, é sim “um tipo de conexão entre coisas que não são em si mesmas sociais” (p. 23). Isto significa que a cada nova circunstância novos agregados se formam e novas concepções são reformuladas, pois, as anteriores já não falam das associações mais recentes e ao

estabilizarem-se perdem o rastro das controvérsias que tensionam para um movimento a mais.

Em um segundo momento no Reagregando o Social, Latour (2012) elabora uma lista de 'fontes de incertezas' para auxiliar na tarefa de desdobrar as controvérsias sobre o mundo (estabilizado como) social. Esta lista vai suprir o pesquisador interessado em abrir a caixa preta do social começando pela indicação dos procedimentos de como se alimentar de controvérsias. A indicação é clara: nada de interromper o fluxo das controvérsias. A ANT (Teoria Ator-Rede) postula que para se “rastrear relações mais sólidas e descobrir padrões mais reveladores [é preciso encontrar] um meio de registrar os vínculos entre quadros de referência instáveis e mutáveis” (Latour, 2012, p. 45), buscando “apenas” segui-las sem tentar resolvê-las. Se buscamos resolvê-las o fazemos a um custo de retirar dos atores em ação seus próprios e diversos cosmos. Dessa forma, as controvérsias não são um aborrecimento ou um obstáculo a ser retirado, mas, são sim o próprio meio pelo qual as ciências do social se fazem.

Para se alimentar de controvérsias, cinco fontes de incertezas nutrem esta empreitada. A primeira delas destrona o reino estabelecido dos grupos e suas totalidades tipológicas tão bem explicadas, pensadas e utilizadas no campo do social. Latour (2012) vai dizer que grupos não existem, o que existe

são “apenas” formações de grupos, ou seja, movimentos de agregação de elementos heterogêneos. Então, não tem como sair em busca de um determinado grupo, já delineado a priori, pois, se ele não está se formando ele não existe, ele já se foi enquanto era um embate de controvérsias. O que interessa são esses movimentos associativos se formando, ali está o que precisa ser explicado, ou seja, é na performance da associação e nos meios utilizados para estabilizá-la que se encontram as questões que ajudam a desdobrar o mundo social.

A segunda fonte de incerteza vai tratar dos atores na rede. Aqui Latour (2012) coloca claramente o viés político do trabalho performativo da rede. Como podemos entender isto? A ação na rede não é transparente, ela é bem opaca e visível. Isto significa que não existe uma força estranha ou uma mão invisível que leva os atores a agirem de tal forma. É bom que se diga que o ator aqui não é a fonte da ação, mas, sim o alvo de um conjunto de entidades que se degladiam fazendo-o agir, tornando-o ator. Desta forma, a ação na rede é assumida pelos atores-agentes na rede. Não se sabe, por fim, quem faz o quê, ou que entidade aciona a outra entidade. A rede só existe com todas estas entidades se debatendo em controvérsias e ações. São tão heterogêneas quanto os repertórios utilizados para relatar suas ações. Tradicionalmente, quando se lança mão de um vocabulário especializado, e por vezes, com variáveis ocultas para fornecer as

“explicações sociais” dos agrupamentos ou fenômenos sociais, deixamos de lado, ou ignoramos, o que os atores em ação nos dizem; muitas vezes, se traduz ou se substitui as várias expressões dos informantes para o vocabulário especializado das forças sociais no pacto infame em que “o analista simplesmente repete a descrição do mundo social tal qual é; e os atores simplesmente ignoram o fato de terem sido mencionados no relato do analista” (Latour, 2012, p. 90). Com isto, o investigador acaba por decidir “como os atores devem ser levados à ação, [ao invés de] detectar os diferentes mundos que os (próprios) atores elaboram uns para os outros” (p. 80). Considerando, é claro, também os recursos colocados ou acionados na rede pelo investigador. Ele não entra e sai imune. Ele também assume a ação da rede e é assumido na ação dos agentes que a constitui.

A terceira fonte de incerteza repousa sobre os objetos conectados na rede. Aqui falamos de entidades heterogêneas que remontam a humanos e não humanos conectados no que o senso comum denomina de vínculos sociais. Desta forma, o mundo social da ANT é um mundo com objetos e coisas. Não é um mundo livre das coisas relegadas aos cientistas da natureza. Não, é um mundo entrelaçado de objetos mediadores na vida deste mundo social em suas relações de poder e suas assimetrias, tais como documentos, escritos, mapas, arquivos, computadores, telefones, etc..

Já na quarta fonte de incerteza, Latour

(2012) traz à baila a palavra *construção* ao tratar de questões de fato *versus* questões de interesse. Ao lutar contra os que afirmam que os fatos evidentemente não são construídos e por isso são reais e contra os que acreditam que é construído e por isso inventado e artificial, os estudos científicos se arregimentaram em duas frentes. Assumiram a validade da palavra *construção* para focalizar as conexões entre humanos e não humanos. E, por outro lado, descartam o termo *construção social* por vê-lo substituir a realidade heterogênea de alguma coisa em construção por uma “matéria” homogênea do social. E ainda mais, se a construção se equivaleria a uma associação de entidades, dizer que essa associação é social seria uma redundância sem sentido. Mas no que a noção de construção se conectaria com as questões de fato e as questões de interesse? O construtivismo para Latour (2012) equivale a um aumento de realismo. Já para os tradicionais construtivistas sociais, a solidez de um fato científico jamais comportaria a noção de construção. São universos incompatíveis: ciência e social. Não que as teorias sociais sejam tomadas pelos estudiosos da ciência para entender os caminhos tecno-científicos. Não, o que os estudiosos da ciência ou da ANT preconizam é que as teorias sociais tradicionais não explicam coisa alguma ao estabelecerem um repertório de unidades explicativas “por trás” dos fenômenos sociais e muito menos nos processos da natureza tomados pela ciência

objetiva. Nesta dicotomia entre sociedade e natureza, as unidades explicativas tanto de um lado como de outro, se esterilizam. Dão validade às suas explicações concedendo uma causalidade aos fatos. O que a ANT de Latour apresenta é um uso do social no sentido daquele que se associa, que segue alguém. Desta forma, descrever procedimentos, sejam eles quais forem, na perspectiva de uma sociologia de associações, implica em considerar que houve ali não uma causalidade previsível, mas, sim uma conexão que induz ou mobiliza uma mediação (no sentido da tradução, ou da ação assumida e transformada pelo agente) entre duas entidades. É por isto, que as “questões de fato não descrevem que tipos de agências estão povoando o mundo melhor do que as palavras *social*, *simbólico* e *discursivo* descrevem o que é um ator humano e os *alienígenas* que os capturam” (Latour, 2012, p. 162). As questões de fato tornam-se mudas, não conseguem chegar nas conexões e controvérsias que mobilizam as entidades em associações. No entanto, os laboratórios a cada dia tornam-se mais cheios de episódios e fatos interessantes, visíveis, discutíveis, dispendiosos e controversos para todo o público. Não estariam aí, as questões que realmente falam do acontecer e do social na ciência? Essas seriam as questões de interesse para uma sociologia de associações.

Chegamos ao ponto em que essas questões interessantes para a sociologia de associações materializam-se em um relato escrito. Aí somos apresentados à quinta fonte

de incerteza para se nutrir no caminho de desdobrar controvérsias. O que Latour (2012) propõe é “trazer para o primeiro plano o próprio ato de compor relatos” (p. 180). O próprio texto torna-se um mediador. Se fabricação e artificialidade não são opostos de verdade e realidade, busca-se também pelo texto a objetividade, não uma objetividade de senso comum, na qual tudo é estéril, neutro e frio, mas, uma objetividade pulsante que acompanha os pormenores de um assunto interessante, vivo e controverso. Aqui são convocados todas as entidades mobilizadas na rede, sejam elas humanas ou não humanas. Por isto, o texto funciona como o laboratório do cientista social, exige perícia e habilidade na escrita para descrever com objetividade as conexões em seus experimentos-estudos. “O bom texto tece redes de atores quando permite ao escritor estabelecer uma série de relações definidas como outras tantas translações” (Latour, 2012, p. 189). Neste sentido, os relatos científicos são sempre versões daquilo que o escritor manipulou em suas investigações. O próximo relato já terá outras translações e versões.

Concluindo este percurso apresentado por Latour (2012) para desdobrar o social (que até aqui já entendemos que se trata de associações), o autor sinaliza alguns movimentos necessários para tornar essas associações novamente rastreáveis. Em três movimentos ele indica a importância de se manter no nível plano qualquer experiência do social. Esses movimentos vão do Global

ao Local passando pelos veículos que abrem conexões entre estes dois espaços. Por que manter-se no nível plano? Porque usualmente em um piscar de olhos, entidades invisíveis habitantes de um *contexto* que os faz locomoverem-se deste ou daquele modo, podem surgir de um outro lugar, de um outro tempo, para explicar as práticas locais, concretas e objetivas. E ficar no plano é seguir o acontecimento em seus movimentos de um lugar a outro, sem lançar mão de entidades invisíveis que não são rastreáveis em seu percurso, haja visto que assaltam a chapa lisa e evidente provindos de uma outra dimensão alheia à materialidade acessível e a ser percorrida sem saltos. É, portanto, impossível ater-se a um único local ou a um contexto tridimensional que explique aquele movimento que segue associando heterogêneas entidades. Da mesma forma, voltar-se para o Global como causalidade dos efeitos locais por ser muito maior e predominante, também nos impediria de traçar as conexões que se formam pelas infinitas associações. O importante aqui não é pular de um para outro – do Local para o Global ou vice e versa – em seus contextos ou estruturas, mas, “navegar nesse espaço achatado (dos movimentos e linhas traçadas entre pontos mobilizadores de questões interessantes) para focalizar melhor aquilo que circula, (...) e perceber muitas outras entidades cujo deslocamento mal era visível antes” (Latour, 2012, p. 295).

Após reconduzir os movimentos do

local ao global ou vice-versa, requer voltar-se para o que liga, o que induz os elementos a se associarem em múltiplas conexões entre um ponto e outro. Aqui é importante lembrar que o que entra em jogo são inúmeros atores não humanos se multiplicando, arregimentando outros atores, implicando-os na ação e formando blocos móveis em-ação, o que os faz mediadores da ação. E, paradoxalmente, como nos lembra Latour (2012), é “só quando se infiltra em ações não sociais que o social se torna visível” (p. 280). Aqui encontramos o que Latour (2012) chamou de *localizadores*, ou seja, são exatamente aqueles elementos que definem ou preparam de alguma forma o local da ação, eles possibilitam e, ao mesmo tempo, induzem a ocorrência da ação. Como exemplo, o autor relata a situação de um palestrante que encontra um auditório para proferir sua palestra a uns 100 alunos, que no entanto, foi planejado por uma arquiteta uns 20 anos antes, foi construído por pedreiros e materiais de construção um tempo depois; por outro lado, encontra neste auditório (local) um projetor instalado a alguns meses, janelas anti-ruído e cortinas protetoras da luz solar que facilitam a projeção dos dados da palestra. Que condições ou modificações na conferência ocorreriam sem estes materiais concretos – ou outros materiais –, que são mediadores da ação, justamente porque de alguma forma definem o local para que o evento ocorra? Pois bem, cabe entender que os lugares são 'localizados' por outros localizadores. Portanto, o que importa são “os

veículos, os trajetos, as mudanças e a translação *entre* lugares, não os lugares em si” (Latour, 2012, p. 284) pois, os lugares são sempre provisórios e enquadrados por outros locais. Então, fixar o local em habilidades do contexto social ou em infra-estruturas invisíveis pré-determinadas são estéreis para rastrear as nossas conexões em ação.

Agora, um alerta é necessário! Se não conseguimos descrever o cenário local em todos os detalhes que possibilitam a condução dos atores – tanto humanos como não humanos – para a ação e recorremos a saltos de um plano a outro, tais como a 'subjetividade' ou o que vem do 'interior' para explicações interpretativas, então devemos lembrar que as 'subjetividades', personalidades e inconscientes também circulam, assim como o local e o global que se constituem por entidades circulantes. Ou seja, elas também são móveis e indutoras para determinados formatos por atores em ação ou entidades circulantes, que melhor seria, se fossem chamadas de *subjetivadores* ou *personalizadores*.

O importante sobre esses subjetivadores é que eles estão distribuídos por todos o cenário, eles não estão inatos dentro de nós, ou esperando alguém ou alguma situação para acessá-los. Eles vem de “fora”, perfeitamente rastreáveis em seus veículos específicos propondo e induzindo 'competências intelectuais' ou ainda 'habilidades afetivo-emocionais'. Latour (2012) chama de *psicomorfos* esses

incontáveis *subjativadores* que estão nos arregimentado a todo momento e nos dando uma determinada forma de psique. Quanto a esta questão dos *subjativadores*, Latour (2012) menciona a obra de Foucault ao descrever em seus estudos e análises experiências de subjetivação que se formulam na concretude de ações e movimentos bem claros e específicos. Então, temos aí um sujeito que em si é todo composto pelo que vem de 'fora', e claro, entendendo-se que o 'fora' não se refere ao que vem coercitivamente do contexto social nem de uma determinação causal da natureza, mas, do que está localmente e especificamente 'localizado'. Neste sentido, ele também é transitório e sujeito a modificações constantes.

Aqui talvez possamos entender a configuração do ator na rede circulante. Ele não é uma fonte de iniciativa para a ação, nem um ponto de partida orientado para uma determinada direção, entre mediadores intermediários que transportam fixamente significados, forças, etc., e muito menos refere-se apenas a humanos. O ator-rede é aquilo que “é induzido a agir por uma vasta rede, em forma de estrela, de mediadores que entram e saem” (Latour, 2012, p. 312). Logo, o ator-rede é feito para agir, ou seja para induzir outras entidades a fazerem coisas, através de translações e deslocamentos. E sociedade, muito mais do que vínculos sociais, é uma composição de associações sempre se constituindo através de

convocações, mobilizações, cadastramentos e translações de inúmeras entidades se debatendo para associar-se.

Para finalizarmos este desdobramento da socialização no *Reagregando o Social* talvez tenhamos que nos empenharmos em mais uma tarefa. Talvez seja preciso encarar a lista de proposições latourianas para rastrear os vínculos sociais (agora já recolocados) para se deixar mobilizar nos nossos laboratórios sociais abrindo novas conexões para entidades impensadas em nossas produções acadêmicas. Por outro lado, possivelmente tenhamos que nos colocar politicamente perante mediadores que mobilizam transformações e efeitos inesperados. Alguém se dispõe?

Referências

- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos: Ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34.
- Latour, B. (2001). *Esperança de pandora*, Bauru, SP: EDUSC.
- Latour, B. (2004). *Politics of nature: How to bring the sciences into democracy*. Cambridge, Mass: Harvard University Press.
- Latour, B. (2010). Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: Parente, A. *Tramas da Rede: Novas dimensões filosóficas estéticas e políticas da*

comunicação. Porto Alegre: Sulina.

Latour, B. (2012). *Reagregando o Social*.
Bauru, SP: EDUSC/ Salvador, BA:
EDUFBA

Zuleika Köhler Gonzales- Doutoranda do
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Social e Institucional da UFRGS. Membro do

Núcleo E-Politics/UFRGS coordenado pela
Profª Drª Neuza M. F. Guareschi.

E-mail: zuleika3012@yahoo.com.br

Carlos Baum- Mestrando do Programa de
Pós-Graduação em Psicologia Social e
Institucional da UFRGS.

E-mail: baum.psico@gmail.com